



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

METODOLOGIAS ATIVAS E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL: FOMENTANDO COMPETÊNCIAS CRÍTICAS, CRIATIVAS E ARTÍSTICAS

INTERDISCIPLINARITY AND ACTIVE METHODOLOGIES IN ELEMENTARY EDUCATION: PROMOTING CRITICAL, CREATIVE AND ARTISTIC SKILLS

Mayara de Souza Bernardo¹

Ana Lúcia Gomes da Silva²

RESUMO

Este trabalho investiga a aplicação das metodologias ativas e da interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem, com ênfase no desenvolvimento de competências críticas, criativas e artísticas em grupo estudantes do ensino fundamental. O estudo explora como essas abordagens podem ser integradas de maneira eficaz no currículo escolar para promover um aprendizado mais significativo e conectado com a realidade dos alunos, particularmente no contexto das artes. O objetivo geral é analisar os benefícios e desafios da implementação dessas metodologias em ambientes educacionais, destacando o papel do processo artístico como uma ferramenta interdisciplinar e ativa de ensino. Os objetivos específicos incluem a identificação de estratégias pedagógicas que favoreçam a interdisciplinaridade e o desenvolvimento artístico, a avaliação do impacto das metodologias ativas no engajamento, desempenho e expressão criativa dos alunos, e também a proposição de um modelo pedagógico que valorize as artes como componente central. O estudo se fundamenta em teóricos como John Dewey, Paulo Freire e Fernando Hernández, além de abordagens contemporâneas sobre arte na educação. Espera-se que os resultados contribuam para a inovação pedagógica, oferecendo exemplos práticos que inspirem educadores a integrar as artes de forma interdisciplinar e ativa no ensino.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Interdisciplinaridade. Processo artístico. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense, Campus Gragoatá, Niterói/RJ. Pós graduanda *lato sensu* no curso “Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas na Inclusão na Cultural”, da UFMS / Câmpus de Aquidauana. E-mail: mayarasbernardo@gmail.com

²Doutora e Pós Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Currículo da PUC/SP. Graduada em Artes Plásticas e Pedagogia. Arteterapeuta. Professora aposentada da UFMS/ Câmpus de Aquidauana. Consultora no Instituto de Diversidade Intercultural – IPEDI. Mentora nos Cursos Atualiza e Diretora do Espaço Eco Pantaneiro. E-mail: analucia.scl@hotmail.com



This work investigates the application of active methodologies and interdisciplinarity in the teaching-learning process, with an emphasis on the development of critical, creative and artistic skills in primary education. The study explores how these approaches can be effectively integrated into the school curriculum to promote more meaningful and connected learning for students, particularly in the context of the arts. The general objective is to analyze the benefits and challenges of implementing these methodologies in educational environments, highlighting the role of the artistic process as an interdisciplinary and active teaching tool. The specific objectives include the identification of pedagogical strategies that favor interdisciplinarity and artistic development, the evaluation of the impact of active methodologies on students' engagement, performance and creative expression, and also the proposition of a pedagogical model that values the arts as a central component. The study is based on theorists such as John Dewey, Paulo Freire and Fernando Hernández, as well as contemporary approaches to art in education. The results are expected to contribute to pedagogical innovation, offering practical examples that inspire educators to integrate the arts in an interdisciplinary and active way in teaching.

Keywords: Active methodologies. Interdisciplinarity. Artistic process. Elementary Education.

1 INTRODUÇÃO

No contexto educacional contemporâneo, as demandas por uma formação que promova competências críticas, criativas e artísticas são cada vez mais evidentes. As escolas enfrentam o desafio de preparar os alunos para um mundo em constante mudança, onde habilidades como pensamento crítico, inovação e capacidade de trabalhar em equipe são fundamentais para o sucesso pessoal e profissional. Nesse cenário, as metodologias ativas e a interdisciplinaridade emergem como abordagens pedagógicas essenciais, capazes de transformar a prática educativa no ensino fundamental.

As metodologias ativas colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, promovendo sua autonomia e participação ativa. Existem estruturas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPj), a sala de aula invertida e a *gamificação* (lê-se “gueimificação”), que desafiam os alunos a engajarem-se com o conteúdo de forma prática e reflexiva, permitindo que desenvolvam não apenas conhecimentos, mas também habilidades sociais e emocionais.

Por sua vez, a interdisciplinaridade busca romper as barreiras entre as disciplinas tradicionais, incentivando a integração de conhecimentos de diferentes áreas. Essa abordagem enriquece o aprendizado, permitindo que os alunos vejam as conexões entre os conteúdos e desenvolvam uma compreensão mais ampla e contextualizada do mundo que os cerca. A arte,



nesse sentido, desempenha um papel central, pois permite que os alunos expressem sua criatividade e reflitam sobre questões sociais e culturais de maneira crítica.

Assim, este artigo se propõe a discussão de como a articulação entre metodologias ativas e a interdisciplinaridade no ensino fundamental pode fomentar competências críticas, criativas e artísticas, promovendo uma educação mais significativa e alinhada às necessidades do século XXI. A partir da análise de práticas pedagógicas e referenciais teóricos, serão exploradas as possibilidades de integrar essas abordagens no cotidiano escolar, contribuindo para a formação de alunos mais participativos, inovadores e engajados para conhecer o mundo e a si mesmos.

O público-alvo deste trabalho são educadores, coordenadores pedagógicos, gestores, formuladores de políticas educacionais, e todos os demais interessados em inovar e avançar na qualidade do ensino, especificamente no ensino fundamental – mas não somente –, focando no uso das artes como coprotagonista. Com base no referencial teórico de autores como John Dewey, que defende uma educação prática e centrada no aluno, Paulo Freire, que enfatiza a conscientização crítica, e abordagens contemporâneas de educação artística, este trabalho visa contribuir para a construção de um ensino mais integrado, dinâmico e relevante, onde o processo artístico é visto como uma ferramenta poderosa de aprendizado interdisciplinar e ativo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Metodologias Ativas: Conceito e Importância

As metodologias ativas se fundamentam em teorias educacionais que priorizam o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem. Autores como John Dewey e Paulo Freire enfatizam a importância de um ensino que promova a reflexão crítica e a participação ativa, apesar de nenhum dos dois tratar especificamente do termo “metodologias ativas”. Entretanto, as metodologias ativas têm muito dos conceitos, desses e de outros autores, entrelaçados em suas definições.

Dewey em sua obra “Democracia e Educação” (1916), argumenta que a educação deve ser uma experiência prática, onde o aluno aprende por meio da ação e da interação com o meio (Dewey *apud* Borochovicus e Tortella, 2014). Em outra publicação, “Arte como Experiência” (1934), o autor defende que a educação artística não deveria ser tratada como uma disciplina isolada, mas sim integrada ao currículo geral. Ele afirmava que a arte pode ser uma forma de



explorar e entender outras áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar.

Paulo Freire, em "Pedagogia da Autonomia" (1996), clama por uma educação que valorize o diálogo, a reflexão crítica e a construção coletiva do conhecimento. Freire propõe uma prática pedagógica que visa empoderar os indivíduos, incentivando-os a se tornarem agentes ativos em suas vidas e em suas comunidades.

Ambos, Dewey e Freire, propõem uma educação que transcende o simples ato de ensinar como propagar conhecimentos teóricos, mas buscando formar cidadãos críticos, autônomos e comprometidos com a transformação da sociedade. Essa relação entre suas ideias destaca a importância de uma abordagem educacional que valorize a experiência, o diálogo e a reflexão crítica, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada.

No tempo presente, já houve o desenvolvimento de diversos métodos que podem favorecer e facilitar a atuação do educador nos espaços de ensino. Ressalta-se que o intuito deste trabalho é inspirar e estimular os profissionais da Educação, sabendo das múltiplas realidades e possibilidades do cenário pedagógico brasileiro atual. Cada professor analisará e entenderá quais as viabilidades dentro de seus contextos sociais e educacionais.

No ensino fundamental, as metodologias ativas podem ser implementadas por meio de diversas estratégias. A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), por exemplo, desafia os alunos a investigar e solucionar problemas reais, desenvolvendo habilidades de pesquisa e pensamento crítico. Este método foi consolidado entre as décadas de 1960 e 1970, com suspeitas de que um grande inspirador para tal tenha sido Dewey. (Borochovicus e Tortella, 2014)

Já a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABPj) envolve os alunos na criação de projetos interdisciplinares, permitindo que integrem conhecimentos de diferentes áreas e desenvolvam competências colaborativas – quando feitas em grupo. Os alunos trabalham em torno de um tema ou desafio específico com o objetivo de criar uma conexão com o aprendizado de situações práticas. Este método também tem o crédito do educador Dewey, que é anunciado como o primeiro pesquisador sobre ABPj (Parker, 2020).

A sala de aula invertida propõe uma grande mudança no método tradicional de ensino, pois pede que os alunos estudem os conteúdos teóricos em casa e utilizem o tempo em sala de aula para atividades práticas e discussões. Essa estratégia não apenas melhora a compreensão do conteúdo, mas também promove a autonomia e o engajamento dos alunos, fatores cruciais para o desenvolvimento de competências críticas e criativas. Entretanto, essa metodologia pode



trazer consigo algumas dificuldades, como a necessidade de autodisciplina do aluno, e também pode acentuar desigualdades de acesso à tecnologia entre os estudantes. Além dos desafios citados, é sabido que a Educação brasileira ainda se mostra muito tradicional, o que traria mais um obstáculo para a implementação da sala de aula invertida.

Há também a *gamificação*, nome oriundo do termo em inglês *game* (jogo), que surgiu da indústria de jogos e começou a ser aplicada em contextos educacionais e empresariais a partir dos anos 2000. O conceito foi impulsionado por estudos de design de jogos e psicologia do comportamento, que exploram como as dinâmicas dos jogos – pontos, desafios, recompensas – podem motivar os alunos a aprender ou realizar tarefas. Essa metodologia pode gerar um grande engajamento por parte das crianças, mas também tem riscos de ocasionar uma competitividade excessiva e pode levar os alunos a um foco desmedido em recompensas e não na aprendizagem, resultando em uma educação superficial.

Essas e outras metodologias oferecem diversas formas de dinamizar o ensino, aproximando-o das necessidades e habilidades do século XXI, cada uma delas com suas vantagens e limitações. É importante reafirmar que, independente da metodologia que qualquer docente queira adotar em sua sala de aula, é importante que se faça ajustes à sua realidade e de seu alunado, respeitando seus limites, os dos estudantes e os da instituição em que atua. O segredo para utilizá-las bem está em adaptar seu uso ao contexto específico da turma e dos objetivos de aprendizagem.

2.2 Interdisciplinaridade na Educação

A interdisciplinaridade é uma abordagem que busca integrar diferentes áreas do conhecimento, proporcionando uma compreensão mais holística e contextualizada dos conteúdos. Segundo Juarez da Silva Thiesen, a interdisciplinaridade no ensino é essencial para que os alunos desenvolvam uma visão crítica e integrada da realidade, o que os permite compreender a complexidade dos fenômenos que os cercam. O autor defende que “um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável e coloca escola e educadores diante de novos desafios [...]” (2008)

Thiesen faz em ótimo apanhado em seu trabalho “A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem” (2008), quando reitera que a interdisciplinaridade vem promovendo um rompimento com a visão mecanicista e fragmentada



do mundo e da Educação, ao passo que adota uma perspectiva mais integradora, dialética e abrangente na construção do conhecimento e na prática pedagógica.

Ainda, o autor fala sobre a relevância da interdisciplinaridade para a produção e difusão do saber no campo educacional, e como isso tem sido tema de discussão por vários estudiosos, especialmente por aqueles que investigam teorias curriculares e epistemologias pedagógicas. De maneira geral, a literatura sobre o assunto aponta um consenso quanto à finalidade da interdisciplinaridade: superar a visão fragmentada nos processos de criação e transmissão do conhecimento. (Thiesen, 2008)

Refletindo sobre a aplicação da interdisciplinaridade no ensino fundamental, vê-se que há diversas maneiras de se fazê-lo com projetos que abordem temas transversais. Para exemplificar, pode-se pensar em um projeto sobre a preservação do meio ambiente: este pode envolver conhecimentos de Ciências, Geografia, Matemática e Artes, permitindo que os alunos desenvolvam soluções criativas e críticas para problemas sociais e ambientais.

A arte, como campo de conhecimento, desempenha um papel fundamental na interdisciplinaridade, pois tem o poder de dialogar com todas as outras áreas de conhecimento. Ao integrar as artes ao currículo, os alunos têm a oportunidade de expressar sua criatividade e refletir criticamente sobre a cultura visual que os cerca. A análise de obras de arte, por exemplo, pode ser utilizada para discutir questões sociais, políticas e éticas, promovendo uma formação mais completa e consciente; e, para além da análise, a produção de arte também pode ser usada para entender o que o aluno – consciente ou inconscientemente – irá expôr sobre si e sobre seus conhecimentos e entendimentos do mundo. Sendo assim, para analisar ou como produção, a arte é uma excelente ferramenta nos espaços educacionais para desenvolver criatividade e criticidade – sobre o mundo e sobre si.

2.3 Competências Críticas, Criativas e Artísticas no Ensino Fundamental

As competências críticas, criativas e artísticas são fundamentais para a formação integral dos alunos no ensino fundamental. A habilidade de pensar criticamente permite que os alunos analisem informações, questionem suposições e tomem decisões informadas. A criatividade, por sua vez, é essencial para a inovação e a resolução de problemas, habilidades cada vez mais valorizadas no mundo contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, pouco praticadas nas escolas tradicionais e conservadoras.



A cultura visual, por sua vez, desempenha um papel crucial na formação das competências artísticas e criativas. Ao observar, analisar e produzir arte(s) – e pensando em arte além de desenhos e pinturas –, os alunos desenvolvem uma maior consciência estética e crítica, habilidades que são fundamentais para a formação de cidadãos participativos e engajados. O ensino das artes, portanto, não deve ser visto apenas como uma disciplina isolada, mas como uma oportunidade de integrar diversas áreas do conhecimento, fomentar habilidades e, principalmente, para um autoconhecimento e desenvolvimento pessoal como pessoa cidadã.

Fernando Hernández em sua obra “A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito” (2020) argumenta contra a necessidade de um currículo específico para arte, assim como para as outras disciplinas (Matemática, Ciências, Geografia etc). Ele critica a concepção de um currículo disciplinar, o vendo como uma forma hegemônica de colonização e de limitação do que deve ser ensinado e aprendido na escola. Em vez disso, o autor defende um currículo integrado, organizado em torno de problemas desafiadores que requerem o uso de conhecimentos disciplinares – e não de uma abordagem disciplinadora – para buscar respostas possíveis e propor novas questões.

Nesse sentido, o autor não acredita que a arte-educação, como é compreendida atualmente, seja suficiente para enfrentar esse desafio. Em vez disso, ele propõe a construção de diálogos com outros relatos e experiências, que auxiliem na criação de narrativas visuais capazes de refletir o processo de investigação. Para ele, as artes, entendidas como práticas culturais, deveriam estar presentes nas explorações rizomáticas das questões que estudantes, escola e comunidade escolhem enfrentar. O objetivo seria interrogar e ampliar os sentidos do desejo de aprender sobre si mesmos, os outros e o mundo.

Além disso, Fernández sugere

[...] uma proposta educativa a partir da cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações) de como o que vemos nos conforma, nos faz ser o que os outros querem que sejamos e poder elaborar respostas não reprodutivas frente ao efeito desses olhares. (2020)

Ao fim do artigo (2020), o autor faz um convite aos educadores ao desafio de construir uma nova perspectiva para a Educação das Artes e cultura visual, empenhados em construir “uma escola que transite do reproduzir ao compreender; do copiar ao transferir; da obsessão pelo resultado à reflexão sobre o percurso, dando conta de tudo isso mediante diferentes



alfabetismos (visuais, orais, escritos, aurais – sons –, corporais, digitais...)”, trazendo-nos a memória de que nós, sendo professores, jamais deixamos de ser aprendizes, e se queremos mudanças pedagógicas significativas, devemos estudar e agir para isso, sem esperar que algo miraculoso aconteça, com regras ditadas de como devemos pensar e praticar – até porque, sabe-se que isso não acontecerá.

3 METODOLOGIAS ATIVAS E INTERDISCIPLINARIDADE NA PRÁTICA

As metodologias ativas e a interdisciplinaridade, quando aplicadas de maneira integrada, oferecem um ambiente de aprendizagem dinâmico e estimulante. Esta seção discute estratégias de implementação e exemplos práticos que podem ser utilizados para maximizar o potencial de ambas as abordagens no ensino fundamental.

3.1 Estratégias de Implementação

A implementação de metodologias ativas e da interdisciplinaridade exige um planejamento cuidadoso e a adaptação das práticas pedagógicas ao contexto da turma. Para isso, é importante que os educadores considerem estratégias pedagógicas variadas, com exemplos práticos que possam servir de inspiração e serem adaptadas conforme as possibilidades e preferências de cada professor.

O desenvolvimento de projetos interdisciplinares pode ser facilitado pelo planejamento colaborativo, onde professores de diferentes disciplinas se unem para criar projetos integrados. Por exemplo, um projeto sobre biodiversidade pode envolver Ciências, Geografia e Artes, incentivando os alunos a investigar ecossistemas, criar representações artísticas e discutir a importância da conservação. A escolha de temas transversais, como saúde, cidadania e sustentabilidade, também contribui para a integração entre as áreas do conhecimento.

A utilização de tecnologias educacionais é uma ferramenta importante para tornar o aprendizado mais interativo. Plataformas online, como o Google Classroom, permitem que os alunos acessem recursos diversos e colaborem em projetos, organizando discussões e apresentando materiais de forma dinâmica. Além disso, a produção multimídia, como a criação de vídeos, podcasts e apresentações digitais, estimula a criatividade e torna o processo de aprendizagem mais envolvente.



Atividades práticas e experienciais, como visitas a museus e exposições, enriquecem o aprendizado ao conectar o conteúdo estudado com a prática artística e cultural. Workshops e oficinas com artistas locais ou especialistas trazem novas perspectivas e incentivam a experimentação e a criatividade dos alunos.

A reflexão e a autoavaliação são componentes essenciais para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas. Incentivar os alunos a manter diários de aprendizagem, onde registram suas reflexões, experiências e desafios, contribui para esse processo. Além disso, momentos de feedback coletivo promovem a troca de ideias e o aprimoramento contínuo.

3.2 Exemplos de Práticas Educativas

Nesta seção, são apresentados alguns exemplos práticos de como as metodologias ativas e a interdisciplinaridade podem ser aplicadas no ensino fundamental, aliando-se à Arte.

Com o projeto “Histórias de Vida”, os alunos investigam a vida de pessoas da comunidade, coletando histórias, fotografias e objetos significativos. Eles, então, criam uma exposição que apresenta essas narrativas. Nesse projeto, são envolvidas as disciplinas de Língua Portuguesa (narrativa), História (contexto social), e Artes (design da exposição), desenvolvendo a pesquisa, a empatia, o trabalho em equipe e a expressão artística.

O projeto “Ciclo da Água” propõe aos alunos explorarem o ciclo da água por meio de experiências práticas, como a construção de maquetes e a realização de experimentos, onde criam um vídeo educativo para apresentar o que aprenderam. Envolvem-se as disciplinas de Ciências (ciclo da água), Geografia (cursos de água), e Tecnologia (produção de vídeo), promovendo o pensamento crítico, a resolução de problemas, a colaboração e as habilidades digitais.

A partir do projeto “Arte e Meio Ambiente”, os alunos coletam materiais recicláveis e, em grupos, criam obras de arte que promovem a conscientização sobre a preservação ambiental. A atividade culmina em uma exposição aberta à comunidade escolar. Estão envolvidas as disciplinas de Artes (produção artística), Ciências (ecologia), e Educação Física (movimentação durante a coleta de materiais), estimulando a criatividade, a responsabilidade social, o trabalho em equipe e a consciência ambiental.

E no projeto “Culturas do Mundo”, os alunos escolhem uma cultura para investigar, explorando aspectos como culinária, música, danças e tradições. Eles organizam uma feira cultural, onde apresentam suas descobertas por meio de danças, pratos típicos e exposições. Envolve as disciplinas de História (culturas), Geografia (localização e características), e Artes



(performances e apresentações), fomentando a pesquisa, a criatividade, a expressão cultural e habilidades de comunicação.

3.3 Desafios e Considerações

Embora a implementação de metodologias ativas e da interdisciplinaridade traga inúmeros benefícios, como já mostrados nesse artigo, também apresenta desafios que devem ser considerados, como (1) o tempo e planejamento, pois a criação de projetos interdisciplinares exige um tempo de planejamento considerável, além de um alinhamento entre os professores envolvidos, mostrando ser fundamental uma comunicação eficaz e um planejamento conjunto; (2) a avaliação, já que estimar o desempenho dos alunos em projetos interdisciplinares pode ser mais complexo do que em atividades tradicionais, fazendo-se necessário desenvolver critérios claros e específicos que reflitam as diversas competências que estão sendo trabalhadas. Como Caseiro e Gebran (2007) reforçam, “a avaliação formativa não é estática, ela é um processo cíclico e contínuo de análise e ação”, e ela deve ser individualizada, pois como vender-se os olhos diante da heterogeneidade dentro do espaço escolar?

Outro desafio a ser considerado é a (3) formação dos professores, que está diretamente ligado aos dois pontos anteriores e que pode limitá-los, justamente porque, para que as metodologias ativas e a interdisciplinaridade sejam praticadas de forma significativa e não superficial, é essencial que os professores estejam embasados para tal. Programas de formação continuada, trocas de experiências em grupos de estudo, são valiosos para promover essa capacitação, mas, o mais importante, é o interesse pessoal dos profissionais em seu crescimento teórico-prático, buscando uma Educação que não seja meramente reprodutora.

Caseiro e Gebran apontam ainda outros obstáculos que, no caso de seu artigo, tem seu enfoque nas avaliações formativas, mas que podem-se considerar também como dificultadores para pôr em prática as metodologias ativas e a interdisciplinaridade. Os autores citam a presença de representações inibidoras – que podemos entender como uma gestão escolar voltada para o tradicional e não aberta a mudanças –, e também a preguiça e/ou medo por parte dos educadores, que não ousam imaginar e querer fazer outras possibilidades. (Caseiro e Gebran, 2007)

4 AVALIAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.
Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



A avaliação é uma parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem, especialmente ao se trabalhar com metodologias ativas e práticas interdisciplinares. Essa seção discute a importância da avaliação formativa, os critérios de avaliação apropriados e as estratégias de feedback e reflexão que podem ser utilizadas para promover o desenvolvimento das competências dos alunos.

4.1 Importância da Avaliação Formativa

Se pensamos em diferentes formas de educar, há de se pensar em diferentes formas de avaliar, também. Em contrapartida à avaliação somativa, que avalia os estudantes sempre ao final de um ciclo (normalmente bimestre ou trimestre), e também à avaliação por diagnóstico – como se o aluno fosse um caso a ser tratado –, surge a avaliação formativa, que “[...] visa orientar o aluno quanto ao trabalho escolar, procurando localizar as suas dificuldades para o ajudar a descobrir os processos que lhe permitirão progredir na sua aprendizagem”, considerando “os erros como normais e característicos de um determinado nível de desenvolvimento na aprendizagem.” (Cardinet, 1986, *apud* Caseiro e Gebran, 2007)

Assim, a avaliação formativa é uma abordagem que se concentra no processo de aprendizagem e na evolução dos alunos ao longo do tempo, e não apenas no final de ciclos. Essa forma de avaliação é particularmente relevante nas metodologias ativas e na interdisciplinaridade, apresentando as seguintes grandes características: feedback contínuo, ajustes pedagógicos, promoção da autonomia e um ambiente de aprendizagem positivo, explicados a seguir:

A devolução de um *feedback* contínuo aos alunos auxilia-os a identificar suas forças e áreas de melhoria, sendo essencial para construir um ambiente de aprendizagem positivo e encorajador, já que comumente a única devolução que as crianças têm nos espaços educacionais são as notas de provas e testes no final dos ciclos.

Para além disso, ao monitorar o progresso dos alunos, os professores podem fazer os ajustes pedagógicos para atender tanto às necessidades individuais quanto coletivas da turma, o que pode envolver a modificação das atividades, a introdução de novos recursos ou até a reestruturação de grupos de trabalho. Ainda pensando em ajustes, é de grande valia citar Caseiro e Gebran (2007), quando falam sobre a necessidade de “proporcionar aos sujeitos em formação oportunidades de repensar suas falhas e de melhorar a partir delas”. Quando dialogam sobre isso, falam pensando nos estudantes; ora, não devem estar todos os educadores em eterna formação? Fazer ajustes pedagógicos requer ter embasamento para tal.



Outro aspecto importante da avaliação formativa é a promoção da autonomia. Ao estimular a autoavaliação e a reflexão crítica sobre o próprio processo de aprendizagem, os alunos se tornam mais conscientes de suas habilidades e podem tomar decisões informadas sobre como melhorar. Com isso, a avaliação formativa também contribui para um ambiente de aprendizagem positivo, onde os alunos se sentem à vontade para compartilhar suas ideias e explorar novas perspectivas sem o medo de falhar.

4.2 Possíveis Critérios de Avaliação nas Práticas Interdisciplinares

Fazenda *et al* (2007) fazem uma bela síntese de cinco princípios que formam a teoria interdisciplinar, e que também devem permear a avaliação: a humildade, a coerência, a espera, o respeito e o desapego. Os autores explicam:

Humildade para perceber e aceitar o erro na hora de avaliar e sabedoria para trabalhar o erro do aluno; coerência entre aquilo que se ensina com o que e para que se avalia; espera, porque os resultados não devem ser vistos como fim, mas como processo; respeito às novas formas de conhecimento e às individualidades do aluno e desapego da forma tradicional de avaliação, tão arraigada na cultura. (Fazenda *et al*, 2007)

Tendo em vista os princípios necessários para a avaliação de projetos interdisciplinares, é possível estabelecer critérios que reflitam a diversidade de habilidades e competências desenvolvidas pelos alunos. Para isso, pode-se priorizar uma avaliação qualitativa, em detrimento de uma abordagem puramente quantitativa. Nesse contexto, a criatividade e a originalidade desempenham um papel central, já que é importante observar a capacidade dos alunos de apresentar soluções inovadoras e ideias originais em seus projetos. Essa análise engloba a originalidade das produções artísticas, a abordagem criativa para a resolução de problemas e a aplicação singular de conceitos.

Outro aspecto relevante é a colaboração e o trabalho em equipe, evidenciado pela interação entre os alunos, a distribuição de tarefas e a contribuição de cada membro para o sucesso do grupo. Nesse ponto, o uso de feedback dos colegas, a autoavaliação e as observações do professor sobre o desempenho coletivo são fundamentais. Além disso, a conexão entre disciplinas surge como um critério indispensável, avaliando a habilidade dos alunos em integrar conhecimentos de diferentes áreas. Esse processo pode ser evidenciado pela aplicação de conceitos aprendidos em uma disciplina para resolver problemas em outra, demonstrando, assim, uma compreensão mais ampla e integrada do conteúdo.



A reflexão crítica também se mostra essencial, incentivando os alunos a analisarem suas experiências de aprendizagem. É importante que eles discutam o impacto de suas criações e a relevância das questões abordadas, o que pode ser feito por meio de relatórios escritos, apresentações orais ou discussões em grupo. Por fim, a qualidade técnica, ainda que não deva ser o único critério, também merece atenção. Nesse aspecto, é avaliada a execução de técnicas artísticas, a clareza das apresentações e a organização dos materiais, garantindo que os projetos sejam bem elaborados e apresentem um alto padrão técnico. Esses critérios, juntos, promovem uma avaliação mais completa e alinhada aos objetivos dos projetos interdisciplinares.

É importante evidenciar que a avaliação deve estar de acordo com os objetivos previstos com aquilo que se avalia, ou seja, quando o educador cria seu planejamento, deverá, também, pensar em como avaliará aquilo que será proposto para sua turma, senão corre-se o risco de não ter dimensão daquilo que o aluno realmente aprendeu. De toda maneira, é necessário que os pontos avaliativos sejam expostos e explicados aos estudantes, para que estes tenham ciência de como serão avaliados. Jamais saber-se-á a totalidade do aprendizado de nenhum aluno, por isso se faz necessária uma avaliação complexa, contínua e extensa (Fazenda *et al*, 2007).

4.3 Estratégias de Feedback e Reflexão

A implementação de estratégias de feedback e reflexão é crucial para o sucesso das práticas avaliativas nas metodologias ativas e interdisciplinares. Existem várias estratégias eficazes para isso, que serão explanadas nesta seção.

Os diários de aprendizagem incentivam os alunos a manterem registros diariamente de suas reflexões sobre o que aprenderam, os desafios que enfrentaram e as soluções que encontraram. Esses diários não apenas promovem a autoavaliação, mas também servem como um recurso valioso para os professores ao avaliar o progresso dos alunos.

As sessões de feedback coletivo criam momentos regulares para a troca de feedback entre os alunos sobre os projetos desenvolvidos. Essas sessões podem incluir discussões em grupo, onde os alunos compartilham suas impressões sobre o trabalho dos colegas e oferecem sugestões construtivas.

Há também as conhecidas rodas de conversa, que promovem momentos de troca onde os alunos podem discutir suas experiências, aprendizagens e reflexões. Esse formato encoraja a participação de todos e permite que os alunos aprendam uns com os outros. A forma circular também coloca todos os participantes da roda (educadores e alunos) em um patamar de



igualdade, onde o professor pode agir como apenas um facilitador da conversa, estimulando a todos à fala.

As rubricas de avaliação, comumente usadas apenas pelos educadores, também podem ser adequadas para utilização dos alunos, detalhando os critérios e expectativas para cada projeto. As rubricas ajudam a tornar o processo de avaliação mais transparente e compreensível para eles, permitindo que saibam exatamente o que é esperado e como podem melhorar.

Da mesma forma, pode-se incentivar os alunos a realizarem autoavaliações ao final de cada projeto, onde eles podem refletir sobre suas conquistas e definir metas para o futuro. Essa prática ajuda a fomentar a responsabilidade e a motivação pessoal. Uma autoavaliação pode conter perguntas que guiarão esse processo de reflexão sobre si próprio, seus aprendizados e suas dificuldades.

Por fim, o educador pode promover apresentações e exposições dos projetos realizados pelos alunos. Essas oportunidades de compartilhar o trabalho com a comunidade escolar não apenas celebram o aprendizado, mas também oferecem uma plataforma para os alunos receberem feedback do público. Esses momentos, ainda, comumente trazem orgulho para os estudantes que veem seus trabalhos finalizados sendo apreciados por outros.

5 RESULTADOS

As metodologias ativas e a interdisciplinaridade demonstraram ser abordagens eficazes no ensino fundamental, já que colocam os alunos no centro do processo de ensino-aprendizagem. A implementação dessas práticas pedagógicas torna as crianças mais ativas e participativas, promovendo um aprendizado mais autônomo. Essa mudança foi crucial para o desenvolvimento de competências essenciais para o século XXI, como a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas. Além disso, a ênfase no uso das artes, integrado a outras disciplinas, favorece a expressão de ideias e o desenvolvimento artístico dos estudantes, criando um ambiente de aprendizado mais dinâmico e interessante para os mesmos.

Os projetos interdisciplinares mostraram-se um ponto alto da aplicação dessas metodologias. A integração do manejo das artes com outras disciplinas permite aos alunos refletirem criticamente sobre temas sociais e culturais. Eles têm a oportunidade de explorar e expressar suas ideias, além de poderem reformulá-las após a reflexão, tornando-se mais conscientes do impacto das questões abordadas em suas vidas e no contexto em que vivem.



Esse processo contribui para o fortalecimento da visão crítica e reflexiva dos estudantes, proporcionando uma educação mais contextualizada e relevante.

A avaliação formativa tem papel fundamental no acompanhamento contínuo do progresso dos alunos. Ela possibilita uma análise mais detalhada das competências desenvolvidas ao longo do processo de aprendizagem, permitindo ajustes nas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Esse tipo de avaliação não apenas auxilia no desenvolvimento escolar, mas também favorece um ambiente colaborativo e dinâmico, no qual os alunos podem se engajar de maneira mais eficaz.

A pesquisa também revelou que a adoção de metodologias ativas e interdisciplinares não exige necessariamente a existência de uma escola considerada “não tradicional”. Embora essas abordagens possam ser mais associadas a instituições alternativas, é possível implementá-las de maneira efetiva em escolas tradicionais, desde que haja uma abertura para mudanças no processo pedagógico. A revisão feita neste artigo demonstrou que a implementação dessas práticas, embora desafiadora, é viável e pode resultar em uma transformação significativa na qualidade da educação, promovendo um ensino mais crítico e engajado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As metodologias ativas e a interdisciplinaridade se configuram como abordagens pedagógicas inovadoras e necessárias no ensino fundamental, especialmente na promoção de competências críticas, criativas e artísticas. Ao colocar os alunos no centro do processo de aprendizagem, essas práticas não apenas incentivam o protagonismo dos alunos, mas também promovem uma educação mais significativa e contextualizada.

O ensino das artes, integrado a outras áreas do conhecimento, enriquece a formação dos alunos, permitindo que desenvolvam uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo ao seu redor. Através de projetos interdisciplinares, os alunos têm a oportunidade de explorar e expressar suas ideias e também reformulá-las após reflexão, conectando-se com questões sociais e culturais que os impactam diretamente.

Juntamente, a avaliação formativa desempenha um papel crucial nesse processo, pois possibilita o acompanhamento do desenvolvimento das competências dos alunos e a promoção de um ambiente de aprendizagem colaborativo e dinâmico. As escolas que adotam metodologias ativas e a interdisciplinaridade no ensino fundamental estão contribuindo para a



formação de cidadãos mais críticos, criativos e engajados, preparados para enfrentar os desafios do século XXI.

Por fim, é válido reafirmar que este trabalho não tem o propósito de ser uma cartilha para educadores de “o que fazer”, “como fazer”, “como deve ser”, “como é o certo”, pois é sabido que não existe isso na Educação. Como exposto no começo deste artigo, baseado em Dewey e Freire, a Educação precisa ser crítica, dialógica, não seguindo um “modo de fazer” reprodutor de conteúdos. Este trabalho procurou, sim, mostrar através de vários exemplos que é possível haver uma mudança na prática pedagógica, sem esperar estar dentro de uma instituição que se declare não tradicional. Não é simples, mas é possível, quando a finalidade é mudar o trajeto de uma Educação reprodutora e conservadora.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora**. São Paulo: Penso, 2018. Disponível em: https://ifce.edu.br/tabuleirodonorte/campus_tabuleiro/coordenacao-de-pesquisa-e-extensao/grupos-de-pesquisa/metodologias-ativas-e-ensino-de-linguas-matel/sugestoes-de-leitura/metodologias-ativas-para-uma-educacao-inovadora-lilian-bacich-e-jose-moran.pdf/view.

BOROCHOVICIUS, Eli; TORTELLA, Jussara C. B. **Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas**. In: GATTI, B. A (Org). Políticas de formação de professores: A quem interessa?. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 16, n. 60, p. 353-382, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/QQXPb5SbP54VJtpmvThLBTc/?format=pdf>.

CASEIRO, Renata; GERBAN, Manuel. **Avaliação formativa: concepção, práticas e dificuldades**. In: Revista Nuances, v. 17, n. 3, p. 45-64, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/181/251>.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Trad. Bernardo Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/532555266/DEWEY-John-Arte-como-experiencia-1>.

_____. **Democracia e Educação: Uma introdução à filosofia da educação**. São Paulo: Editora Manole, 2008.

FAZENDA, Ivani; KIECKHOEFEL, Leomar; PEREIRA, Luiza; SOARES, Arlete. **Avaliação e interdisciplinaridade**. 2007. In: R. Interd., São Paulo, Volume 1, número 0, p.01-83, Out, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Dossiê Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural.
Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP, Edição Especial. Aquidauana, v. 4, n. 16, dez. 2024



HERNÁNDEZ, Fernando. **A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito.** In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos.** Editora UFSM. 2020.

PARKER, Jerry L. **Students' attitudes toward project-based learning in an intermediate Spanish course.** In: *Journal of Education and Learning*, v. 9, n. 1, p. 79-90, 2020. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1249547.pdf>.

THIESEN, Juares da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** In: *Revista Brasileira De Educação*. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010>.